

APRESENTAÇÃO

**DOSSIÊ TEMÁTICO**  
**REVISTA DEBATES**  
**(RE)INVENÇÕES: COMO**  
**PENSAR A RELAÇÃO ENTRE**  
**RELIGIÃO E POLÍTICA HOJE**

**Organizadores:**

Jéssica Duarte  
Joanildo Burity

Nas últimas décadas, a religião tem se afirmado como um dos principais vetores de transformação e disputa nas sociedades contemporâneas. No Brasil e em outros contextos latino-americanos, sua presença se intensifica não apenas como sistema de crenças ou campo institucional, mas como linguagem política, estrutura de mobilização e gramática moral. Mais do que reagente, a religião tem sido agente ativo nas reconfigurações políticas, culturais e afetivas de nosso tempo.

Esse movimento desafia os paradigmas clássicos das ciências sociais que, por muito tempo, operaram sob o pressuposto de uma secularização linear, em que a modernização implicaria o recuo da religião ao espaço privado. O que observamos, porém, é a constante rearticulação do religioso na vida pública, por vezes como força conservadora, por vezes como catalisador de novas formas de engajamento e subjetivação política. No caso brasileiro, a emergência e consolidação da presença evangélica — em especial a pentecostal e neopentecostal — no espaço público e na arena institucional tem sido acompanhada por uma diversidade de experiências que tensionam os limites do político, do ético e do democrático.

A iniciativa deste dossiê é resultado das inquietações de diversos pesquisadores sobre construção de conhecimento nesse campo de estudo, debatidas no 1º seminário do Laboratório de Estudos de Religião e Política (Laberp), ocorrido em abril de 2024 em Recife. Mais especificamente, nasce da necessidade de qualificar o debate sobre a atuação política da religião; rompendo com leituras unidimensionais que, por exemplo, associam limitam o fenômeno religioso à reprodução do conservadorismo. É fato que a conjuntura recente, marcada por disputas acirradas nos planos eleitoral, moral e institucional, tornou visível a força de atores religiosos, particularmente cristãos conservadores, na legitimação de projetos políticos autoritários e excludentes. Contudo, o campo religioso não se esgota nessa vertente. Pelo contrário, é marcado por tensões, dissensos e experimentações que merecem atenção.

Com efeito, o avanço político neopentecostal no Brasil decorre de uma conjunção de fatores internos e externos às igrejas: mudanças institucionais, oportunidades políticas, reorganização de repertórios simbólicos e apelos afetivos. Esse processo mobiliza estratégias de minoritização da “maioria cristã”, produz gramáticas de pertencimento e diferenciação, e aciona o religioso como recurso de autoridade moral e política. Ao mesmo tempo, assistimos ao florescimento de outras formas de engajamento religioso: dissidentes, híbridas, críticas, populares, artísticas, normativas, digitais. É nesse espaço ampliado de disputas que este dossiê se inscreve.

Reunimos aqui artigos que interrogam a presença política da religião a partir de distintos objetos empíricos, referenciais teóricos e entradas metodológicas, compondo um mosaico analítico que visa não apenas descrever a atuação de atores religiosos, mas compreender seus sentidos, ambivalências e efeitos. A diversidade dos trabalhos

reflete a própria complexidade do tema: há múltiplas formas de ser religioso e de agir politicamente a partir da fé, nem todas visíveis ou capturadas pelas categorias tradicionais do campo político.

O artigo de Lilian Reichert Coelho lança luz sobre a performance digital da Irmã Mônica (@irmamonicabispo), mulher pentecostal ativista progressista que mobiliza um repertório de fé, humor e dissidência para tensionar os limites da ortodoxia evangélica e disputar sentidos na esfera pública digital. A autora revela como o corpo, a fala e os afetos podem se articular em uma performance religiosa contracultural que desestabiliza o binômio evangélico-conservador.

Victoria Sotelo nos conduz ao cenário uruguaio, examinando a presença de evangélicos na arena política do país. Sua análise distingue entre dois polos principais — o bíblico conservador e o histórico liberacionista — e mostra como, mesmo em contexto de secularização mais avançada, os evangélicos têm buscado espaços de expressão política. O texto evidencia a ausência de coesão partidária e as estratégias diversas de inserção institucional no Uruguai.

Gabriel Garcia de Barros aborda os limites da liberdade de expressão no discurso religioso, propondo critérios normativos para a intervenção estatal a partir da concepção de laicidade como não dominação. Seu trabalho traz importantes contribuições para o debate jurídico e filosófico sobre a interface entre religião, direitos fundamentais e ordem democrática.

Manoel Uchôa desenvolve uma leitura filosófica a partir da obra de Jacques Derrida, centrando-se na noção de autoimunidade. Para o autor, há uma lógica autoimunitária que atravessa tanto as comunidades religiosas quanto os projetos políticos contemporâneos, revelando as contradições e vulnerabilidades inerentes aos discursos de salvação e segurança. Sua análise contribui para repensar o papel da religião em tempos de crise.

Ítalo César Barbosa da Silva do Monte investiga as relações entre religião evangélica e produção artística no Brasil, com foco no Coletivo Candiero, grupo de jovens cristãos nordestinos que tensiona os limites entre cultura evangélica e identidade nacional. O artigo problematiza o lugar da arte crente no campo cultural, desafiando os estereótipos que associam evangélicos à cultura gospel hegemônica e importada.

Ao reunir essas diferentes perspectivas, este dossiê propõe um deslocamento analítico: da religião como variável explicativa para a religião como prática social complexa, performada, comunicada e disputada. Mais do que descrever fenômenos, os textos aqui presentes interrogam os sentidos atribuídos ao religioso, os regimes de visibilidade e invisibilidade que o circunscrevem, e os efeitos políticos e epistêmicos de sua presença na esfera pública.

Agradecemos às autoras e autores que enviaram suas pesquisas à nossa chamada e contribuíram para essa reflexão coletiva. Esperamos que este dossiê não apenas amplie o debate acadêmico sobre religião e política, mas também contribua para uma escuta mais sensível e crítica às formas diversas de experiência religiosa que moldam — e são moldadas mediante — os conflitos e pactos que sustentam a vida democrática.